

A RELAÇÃO ENTRE AUTOESTIMA E TRANSTORNO SOMÁTICO EM MULHERES ADULTAS: O SINTOMA COMO SÍMBOLO

THE RELATIONSHIP BETWEEN SELF-ESTEEM AND SOMATIC DISORDER IN ADULT WOMEN: THE SYMPTOM AS A SYMBOL

Bianca Brandão Costa¹, Paula Leilane Albuquerque Loiola¹, Lênia Márcia Gonçalves²

¹ Alunas do Curso de Psicologia

² Orientadora Prof^a Mestra do Curso de Psicologia

RESUMO

Este artigo aborda a relação entre a autoestima e os sintomas psicossomáticos em mulheres adultas. Estudos relacionados à autoestima mostram como a mulher é confrontada com um padrão de beleza imposto pela sociedade através das mídias sociais, com consequências na saúde física e mental. Analisar e compreender como a relação entre os sintomas psicossomáticos e a autoestima em mulheres afetam sua qualidade de vida e como se manifestam. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e realizada por meio de revisão integrativa da literatura. Para isso, foram consultados artigos científicos, revisões bibliográficas, relatos de casos e pesquisas relacionadas ao tema nas bases de dados PUBMED (plataforma de busca da *National Library of Medicine*), LILACS (Literatura Latino-americana e Caribenha em Ciências da Saúde), PsycINFO (Banco de Dados de Informação Psicológica) e SciELO (*Scientific Electronic Library Online/Brazil*) a partir das palavras chaves: mulheres adultas; sintomas psicossomáticos; padrões de beleza; autoestima. Os resultados indicam que os sintomas psicossomáticos estão frequentemente relacionados à pressão estética, ao estado emocional, psicológico, cultural e social, dentre os quais a autoestima fragilizada pela beleza inalcançável se converte em um transtorno mental que pode se expressar por meio de sintomas físicos. Conclui-se que intervenções psicológicas voltadas para o fortalecimento da autoestima e o autoconhecimento podem desempenhar um papel fundamental na qualidade de vida, na prevenção e tratamento de sintomas psicossomáticos dessas mulheres.

Palavras-chave: Mulheres Adultas; Sintomas Psicossomáticos; Padrões de Beleza; Autoestima.

ABSTRACT

This article addresses the relationship between self-esteem and psychosomatic symptoms in adult women. Studies related to self-esteem show how women are confronted with a beauty standard imposed by society through social media, with consequences for their physical and mental health. The main objective of this research is to analyze and understand how the relationship between psychosomatic symptoms and self-esteem in women affects their quality of life and how they manifest themselves. This is a qualitative research carried out through an integrative literature review. For this purpose, scientific articles, bibliographic reviews, case reports and research related to the topic were consulted in the PUBMED (search platform of the National Library of Medicine), LILACS (Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences), PsycINFO (Psychological Information Database) and SciELO (Scientific Electronic Library Online/Brazil) databases using the following keywords: adult women; psychosomatic symptoms; beauty standards; self-esteem. The results indicate that psychosomatic symptoms are often related to aesthetic pressure, emotional, psychological, cultural and social state, among which self-esteem weakened by unattainable beauty becomes a mental disorder that can be expressed through physical symptoms. It is concluded that psychological interventions aimed at strengthening self-esteem and self-knowledge can play a fundamental role in the quality of life, prevention and treatment of psychosomatic symptoms of these women.

Keywords: Adult Women; Psychosomatic Symptoms; Beauty Standards; Self-Esteem.

Contato: bianca.costa@souicesp.com.br¹ paula.loiola@souicesp.com.br¹ lenia.goncalves@icesp.edu.br²

Introdução

O corpo feminino e suas percepções são moldados de acordo com o contexto histórico e cultural em que estão inseridos. Cada sociedade possui visões distintas sobre a vida e seus modos de viver, influenciando a maneira com que os indivíduos expressam seus comportamentos e estilos de vida. A cultura de uma época determina a forma de viver, refletindo os valores e crenças para aquele determinado período (Borges, 2021).

No Ocidente, a valorização do corpo e da beleza é amplamente difundida, muitas vezes

disfarçada de preocupação com saúde e qualidade de vida. Entretanto, além das influências culturais, que promove o consumo exagerado e a estética padronizada, a maior longevidade também contribui para que as pessoas, em especial as mulheres, busquem alternativas para manterem sua aparência jovem, a fim de que se sintam aceitas e valorizadas em uma sociedade etarista (Sousa, *et. al* 2023). Esse cenário leva à criação de um novo conceito de corpo feminino, baseado em normas e formas estabelecidas pela mídia, onde as pessoas devem ter atributos de beleza específicos. De acordo com (Moreira, 2020), o corpo da mulher passou a ser foco de narrativas que o colocam em uma posição de ideal a ser perseguido diariamente, “um sonho a ser

materializado por uma silhueta milimetricamente modelada”.

Os padrões de beleza estão presentes na sociedade desde a Antiguidade e se modificam à medida que os costumes de cada tempo histórico (Dos Anjos; Ferreira, 2021). Conforme as autoras, esse fenômeno, que envolve a preocupação excessiva com o corpo, é denominado ideologia do culto ao corpo, que se associa a uma cultura narcisista .

Hoje, a concepção de corpo feminino ideal o projeta enquanto um corpo feminino sexualizado, atraente, bonito, esguio e provocativo (Campos; Faria; Sartori, 2019), refletindo o sucesso estético promovido pelo mercado. Esse modelo é construído por uma ideologia midiática com um claro objetivo comercial, que desconsidera as diferenças culturais e ignora a diversidade das mulheres em suas diferentes realidades (Borges, 2021). Nesta perspectiva, as mulheres têm sido confrontadas com um padrão de beleza que determina como devem se apresentar diante do mundo, restringindo suas escolhas e impondo-lhes expectativas limitadas.

De acordo com Dos Anjos; Ferreira (2021A) a impressão que a mulher causa no outro por meio do seu corpo é medida de julgamento nas interações entre as pessoas. Nesta perspectiva, a busca pela beleza se relaciona com o sentimento de pertencer ao seu contexto, motivo pelo qual as mulheres buscam se encaixar no padrão estético dominante. O impacto dos padrões de beleza vigentes na autoestima vem sendo objeto de estudo há muito tempo. Este ideal físico disseminado muitas vezes é inalcançável ou não condiz com a realidade, inclusive financeira, de algumas mulheres (Santos; Rodrigues, 2023). Diante disso, conflitos psicológicos caracterizados, sobretudo pela baixa autoestima e sentimento de inadequação que extrapolam para o corpo físico podem surgir (Santos, 2016). Neste sentido, a autoestima, fragilizada pela beleza inalcançável, se converte em transtornos mentais que podem se expressar em sintomas físicos, apontam Santos e Rodrigues (2023).

A autoestima pode ser compreendida como uma avaliação que uma pessoa realiza sobre si mesma, envolvendo um sentimento de valor, e que inclui um componente predominantemente afetivo, manifestado em uma atitude de aprovação ou desaprovação em relação a si própria (Aprile, 2013). Rodrigues (2016) descreve como sentimento positivo ou negativo que o sujeito possui para consigo. Tal sentimento tem relação íntima com o estado afetivo, social e psicológico de uma pessoa, e se configura como um indicador de saúde mental, que, por sua vez,

se associa à auto imagem (Boyd; Ellison, 2007, *apud* Santos; Rodrigues, 2023).

A autoestima parte da valorização de si mesmo e se constrói a partir dos primeiros olhares do outro sobre o sujeito, de modo que tal percepção é dependente das interações vividas com o mundo social. Desta forma, esse fenômeno repercute na saúde mental ao passo que pode ser considerado um indicador (Boyd; Ellison; 2007, *apud* Santos; Rodrigues, 2023). Aprile (2013), por sua vez, traz que a autoestima se manifesta no corpo como resposta da sua condição do eu, afetiva e social, interferindo na saúde e bem-estar da mulher adulta (foco do presente estudo), visto que enfrentam desafios diários frente às mudanças físicas que decorrem com o envelhecimento e menopausa, bem como as demandas sociais pela beleza eterna.

Neste sentido, a autoestima em mulheres pode se tornar uma dor psíquica que se materializa no corpo por meio de sintomas somáticos, que, segundo Cunha e Fonseca (2020) é uma resposta fisiológica comum ao sofrimento mental. Para Lacan (1972-1973), a percepção da autoestima na mulher adulta repercute nos sintomas psicossomáticos e reflete na sua forma enquanto sujeito contemporâneo, ao passo que retrata, no corpo, o somatório das manifestações simbólicas conscientes e inconscientes. Segundo Lacan (1972-1973), o “não dizível” é aquilo que não pode ser traduzido na linguagem e que deve encontrar significação individual e singular. Nessa perspectiva, a autoestima é traduzida pela avaliação realizada de acordo com os sentimentos e pensamentos introjetados durante o processo de formação de sua identidade.

Considerando o exposto, os transtornos somáticos são complicações físicas causadas por um sofrimento emocional em que causas psicológicas, como a ansiedade, estresse, conflitos emocionais, baixa autoestima ou depressão, são provocadas ou agravadas no corpo. Skopinski *et al.* (2014) apontam que os sintomas psicossomáticos surgem na vida da mulher através das mudanças hormonais que podem estar associadas a falta de suporte familiar, a situação socioeconômica e a vida profissional. Tais fatores podem desencadear transtornos, como depressão em momentos de puerpério, gravidez, climatério e mudanças na autoestima. Nesta perspectiva, a autoestima fragilizada em momentos como esses podem ser causa de doenças psicossomáticas.

A relação entre transtornos somáticos e a autoestima pressionada pelos padrões de beleza atuais difundidos na mídia e redes sociais é um tema de alta relevância e que atinge uma parcela considerável da população, especialmente as

mulheres adultas. Esse grupo da população, em específico, recebe, com maior frequência de comparações entre seu próprio corpo e o corpo ideal, muitas vezes inalcançável. Embora seja um tema relevante, observa-se uma escassez de publicações na área, em língua portuguesa e no Brasil, indicando a necessidade de reflexões a partir da realidade brasileira e de suas raízes culturais. Nesse sentido, o presente estudo propõe-se a discutir, analisar e criticar o conhecimento acerca dessas interações e contribuir para a reflexão a partir de uma perspectiva saudável e positiva das mulheres com seus corpos e sua autoimagem.

Com base no exposto, essa pesquisa parte da análise da relação da autoestima nos sintomas psicossomáticos da mulher adulta. Compreender essa influência do psiquismo no corpo físico é crucial para que psicólogos e demais agentes da área da saúde abordem essa temática adequadamente, a fim de propor ações de prevenção e discussão conjunta com o propósito de orientar e, se possível, reduzir as causas de transtornos somáticos decorrentes de baixa autoestima.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada por meio da revisão integrativa da literatura acerca das implicações da autoestima nos sintomas psicossomáticos de mulheres adultas.

Na revisão integrativa de literatura, são exploradas as contribuições de diversos autores que discutem esse tema, cujas obras foram obtidas a partir de fontes como livros, artigos científicos, periódicos, dissertações, além de sites governamentais e não governamentais. As conclusões são baseadas nas pesquisas analisadas, reflexões sobre pesquisas futuras e as implicações práticas dos saberes identificados (Silveira, 2005).

Segundo Boccato (2006), "a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas". Além disso, a revisão bibliográfica é considerada uma metodologia de pesquisa que sistematiza e organiza informações científicas, facilitando a análise, discussões e interações entre essas contribuições, ampliando o entendimento tanto do pesquisador quanto dos leitores e a estruturação de novos estudos. Ela permite uma compreensão ampliada do campo de estudo, ajudando a destacar lacunas e oportunidades para pesquisas futuras, conforme

argumentam Ocaña-Fernández e Fuster-Guillén (2021). O autor ainda enfatiza a importância de um planejamento sistemático na condução do processo de pesquisa, que inclua desde a definição do tema, passando pela construção lógica do estudo, até a decisão sobre a forma de comunicação e divulgação dos resultados.

Dentro desse contexto, a revisão bibliográfica deste estudo foi realizada a partir de consultas em bases de dados: PUBMED (plataforma de busca da *National Library of Medicine*), LILACS (Literatura Latino-americana e Caribenha em Ciências da Saúde), PsycINFO (Banco de Dados de Informação Psicológica) e SciELO (*Scientific Electronic Library Online/Brasil*). Foram utilizados as palavras-chave auto-estima, sintomas psicossomáticos, psicanálise e autoestima, autoestima de mulheres, padrões de beleza.

Os critérios de inclusão utilizados foram 86 (oitenta e seis) artigos em língua portuguesa, espanhola e inglesa publicados, preferencialmente, nos últimos 5 anos, revisões bibliográficas e pesquisas de campo com os temas deste estudo, bem como relatos de casos publicados em revistas e outros meios científicos. Foram excluídos artigos que tratavam de transtornos psicossomáticos decorrentes de outras condições, autoestima em indivíduos do sexo masculino e em crianças.

A autoestima e mulher adulta

A autoestima da mulher é um aspecto relevante para sua felicidade, para sua qualidade de vida e para a forma como se vê e se posiciona no mundo (Martins; Ferreira, 2020). Esse fenômeno diz sobre como ela se percebe, valoriza suas capacidades e desenvolve sua autoconfiança, sendo fundamental para o empoderamento feminino e a busca pela igualdade de gênero. Para as mesmas autoras, quando essa percepção de si mesmo é positiva, se diz que a pessoa tem uma boa autoestima. Mulheres com a autoestima boa desenvolvem melhor suas potencialidades e as direcionam mais facilmente para seus objetivos; lidam melhor com suas inseguranças; são mais empáticas e tolerantes frente aos erros próprios e dos outros; resolvem conflitos sem hesitar; e são mais propensas a ter uma saúde mental e física bem equilibradas (Santos, 2019; Figueira, 2019).

A autoestima positiva ou negativa é uma experiência pessoal, íntima e particular. É aliada fundamental para promoção da saúde mental, na medida em que pode prevenir sentimento de inferioridade e incapacidade do sujeito, limitando sua qualidade de vida, levando, nos casos mais

graves, a transtornos mentais como a depressão (Martins; Ferreira, 2020).

A autoestima frequentemente atravessa fases de instabilidade ao longo da vida de cada pessoa, podendo estar em alta ou baixa em momentos específicos. No tocante a esse fenômeno, Mosquera (2006) afirma que ela pode variar ao longo do tempo e em diferentes contextos sociais, emocionais e psicofisiológicos. Essa percepção influencia a maneira como as pessoas se comportam e se relacionam consigo mesmas e com os outros, e é expressa de maneira única por cada indivíduo.

Pode-se considerar que a autoestima afeta significativamente as mulheres adultas, sobretudo no período do climatério e menopausa. O climatério é um marco no desenvolvimento humano que se associa, para muitos, com a velhice (Rosa, 2024) e carrega todas as consequências relacionadas à autoestima da mulher. É caracterizado pela transição entre a fase reprodutiva e a menopausa, onde ocorrem mudanças hormonais importantes. Tais mudanças agregam repercussões físicas, mentais e psíquicas e com impactos significativos na vida social, familiar, sexual e laboral (Skopinski *et al.*, 2014; Rosa, 2024). Esse acontecimento vem seguido da menopausa, na qual o corpo feminino sofre modificações que podem afetar sua autoestima, conforme propôs Rosa (2024). Diante das exigências sociais da eterna jovialidade e dos padrões de beleza ideal da sociedade, estas mulheres podem ter suas vidas impactadas do ponto de vista físico-estético e também psicológico.

Para Oliveira e Hutz (2011), as mulheres nesta fase podem sofrer com sentimentos de rejeição do próprio corpo e baixa autoestima. A pressão estética imposta pela sociedade condiciona as mulheres a ficarem infelizes com o próprio corpo, fazendo com que elas recorram a procedimentos estéticos, como as cirurgias plásticas. A autoimagem, como parte dessa construção, é a percepção de que uma pessoa tem de si mesma, como ela se vê e se sente (Oliveira; Machado, 2021; Hutz; Zanon, 2011). Para essas autoras, a autoimagem se forma como uma “representação visual que interfere na maneira como o sujeito percebe, reage e interage com o meio social”, que se constrói a partir das interações com o próprio meio. Gomes (2022) completa esta perspectiva ao afirmar que ela pode ser influenciada por fatores internos, como pensamentos e emoções, e externos, incluindo relações familiares, educação, cultura, redes sociais e eventos importantes. Essa autoconsciência é uma característica subjetiva, percebida como um sentimento ligado às próprias

ideias e que mantém a unidade do eu ao longo do tempo.

Na atualidade, a construção e percepção pessoal da autoimagem parte de novas formas de contatos sociais, marcados pela mediação das redes sociais (Souza; Freitas; Biagi, 2017). Ao acessarem as redes sociais as pessoas se deparam com um perfil de pessoas cuja imagem física se baseia em um corpo perfeito, muitas vezes impossível de ser alcançado. Pode-se observar, por outro lado, o sofrimento das pessoas que, diante do seu eu real, frustram-se com a idealização não alcançada.

Nas mais diversas sociedades, os padrões de beleza instituídos são normatizados e perseguidos por todos, em especial por mulheres. Não se trata de um comportamento da atualidade, visto que se observa que essa busca é recorrente, de modo que se transformou, ao longo do tempo, na forma de imposição social (Souza, *et al.*, 2023). Desse modo, Silva (2019) traz que as mulheres buscam por um ideal de beleza a partir de referências identificadas em redes sociais, televisão e cinema. Este fenômeno se relaciona com o desejo de pertencimento social e de aceitação que resulta da comparação de si com os padrões definidos e socialmente aceitos. Esta comparação pessoal ao padrão difundido, implica na possibilidade dessas mulheres não se sentirem adequadas, valorizadas e reconhecidas quando um modelo de ser, parecer e estar não são alcançados.

A busca pelo padrão de beleza tem se tornado cada vez mais frequente e se expressa no aumento significativo das cirurgias plásticas, cosméticos e tratamentos para o corpo para aquilo que as mulheres consideram como imperfeições, como celulites e rugas, especialmente no Brasil. No ranking de cirurgias estéticas, o público brasileiro está ocupando a segunda posição mundial, se colocando na posição de um dos países que mais procura por procedimentos estéticos no mundo. Segundo dados da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética, o número total de cirurgias plásticas chegou a 3.381.551 em 2023. De acordo com esse estudo, as cirurgias mais procuradas são: Abdominoplastia, lipo sucção, aumento de nádegas e seios e a rinoplastia. (Isaps, 2021). Para Santos (2019), a satisfação com o próprio corpo, se manifesta na qualidade de vida, no psiquismo e nas relações sociais das pessoas, o que explica também essa busca, por vezes não racionalizada e pouco saudável, de procedimentos estéticos.

Para as mulheres, em particular, as pressões estéticas têm se tornado cada vez maiores. Silva (2019) destaca que os padrões de

beleza que se refere a corpos perfeitos, alguns fruto de intervenção estética invasiva ou não, reforçam um ideal que já faz parte da cultura brasileira. O corpo, no imaginário popular, é aquele esculpido, sem excessos, bem cuidado e sem marcas do tipo rugas, flacidez ou estrias. Um corpo magro, que deve ser objeto de desejo, exposição, admiração e imitação (Goldenberg, 2005).

No que tange à imitação, aqui discutida no sentido da busca de padrões de beleza, a habilidade dos seres humanos de criar, imitar e falsificar está relacionada com o conceito de imitação prestigiosa desde Mauss em 1934. A imitação prestigiosa tornou-se fundamental nas ciências sociais ao relacionar natureza, cultura e o uso do corpo (Mauss, 2003). As mulheres insatisfeitas com seus próprios corpos sofrem um impacto negativo em sua autoestima, uma vez que em muitos casos não alcançam esse padrão. Neste sentido, observa-se a imitação dos padrões de beleza e de comportamento de pessoas entendidas como exemplos de vida, sucesso, dinheiro e felicidade a serem seguidos (Pupper, 2022). Neste cenário, as redes sociais e as mídias trazem inúmeros exemplos destas referências femininas que induzem a este comportamento de imitação, que não necessariamente é consciente, conforme afirma Goldenberg (2014).

Fatores biopsicossociais que afetam a autoestima

A autoestima pode ser considerada um fenômeno psicológico de autopercepção multifatorial, isto é, determinado por estímulos e acontecimentos de diferentes ordens (Dutra, *et al.* 2021). Os autores descrevem que o indivíduo, inserido dentro de um contexto de sociedade, está sujeito a estímulos oriundos de princípios éticos e morais que regem tal sociedade, determinantes físicos balizados pela compreensão vigente de belo e fatores psicológicos que influenciam na percepção positiva ou negativa de si.

A autoestima não é fruto do acaso. Ela se constrói com base nas experiências que vivencia e como as processa em situações diferentes (Schultheisz; April, 2013 *apud* Pinheiro *et. al.*, 2023). Sua construção se inicia a partir das relações estabelecidas entre progenitores e filhos, ou cuidadores, e mais tarde por meio de outras pessoas do convívio próximo da criança, avançando para as relações sociais mais amplas, em especial as amizades, apontam Pinheiro *et. al.* (2023).

A partir das primeiras experiências, o bebê estabelece interações a partir dos *feedbacks* que recebe e que o acompanha no decorrer de seu

desenvolvimento. Entretanto, estas relações podem não oferecer *feedbacks* positivos, de modo a afetar em como a concepção de si, de uma criança se constrói (Monteiro; Guimarães, 2019). Weber (2017), por sua vez, apresenta que as práticas afetivas no ambiente familiar se relacionam com níveis mais altos de autoestima, demonstrando o papel fundamental das primeiras relações na percepção de si e de suas potencialidades na constituição psíquica dos sujeitos.

Em uma perspectiva mais ampla, o grupo social também afeta a maneira com que as pessoas se percebem e se valorizam, conforme indicam Pinheiro e seus colaboradores (2023). Este grupo social, que antes era restrito à família e amigos mais próximos, com o advento das redes sociais e das mídias em geral, ganhou outro significado. O outro hoje é aquele que eu não conheço, mas que me afeta, uma vez que, a autoestima se constrói também pela comparação social (Campaniço, 2022).

A compreensão do que é belo está igualmente inserida nesse contexto multifatorial dos aspectos psicossociais que influenciam na construção da autoestima. Conforme Pinheiro e colaboradores (2023) o conceito de belo é dinâmico e se apresenta de forma ambígua ao longo do tempo, pois, ocasionalmente, aquilo que é belo, nem sempre é sadio, do ponto de vista físico e psicológico. De modo similar, enquanto sociedade moderna, existem influências de interesse social que vigoram sobre essa compreensão. O sistema econômico capitalista, por exemplo, estimula o consumo de bens, serviços e produtos com vistas ao enriquecimento econômico de um determinado agente. Nesse ponto de vista, a beleza se torna um produto. Influências midiáticas explicitam a beleza e o corpo perfeito como parâmetros de realização, felicidade e bondade, por meio dos quais exigem a busca por uma realidade distorcida (Souza; Lopes; De Souza, 2018).

Os mesmos autores colocam que a beleza é norteada pelas definições e estigmas compreendidos como ideais e aceitos para aquele tempo. Nesse sentido, a beleza é um construto definido a partir do ponto de vista do outro. É uma concepção tácita de um conjunto de normas que definem o que é belo para o corpo e psique do outro. Tal conjunto de normas, uma vez não atendidas, ou atendidas parcialmente, afetam direta ou indiretamente o exercício da individualidade e do amor próprio e a autoestima.

Do ponto de vista biológico segundo, Del Priore (2009), a identidade corporal pode ser definida pela tríade beleza-juventude-saúde, ela é influenciada pelo ideal do padrão de beleza, que

valoriza traços de juventude e saúde como representações de aceitação social e realização pessoal (Cash; Pusey, 1985). Esse fato é ratificado pela mídia, onde beleza se torna sinônimo de juventude e esta, por sua vez, se torna sinônimo de saúde. Logo, a juventude se torna o padrão de saúde. Nesse contexto, a construção da identidade corporal está profundamente relacionada com a autoestima e autoimagem, especialmente em mulheres, que enfrentam intensamente as transformações fisiológicas e sociais relacionadas ao envelhecimento.

Tal concepção, no contexto brasileiro, é preocupante, em especial do ponto de vista psicológico, uma vez que a pirâmide etária brasileira está caminhando para uma maior prevalência da faixa entre acima de 65 anos, conforme dados do Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022 (IBGE, 2022). Nesta perspectiva, a velhice passa a ser uma fase de vida adiada e indesejada, o que resulta em busca incessante pela juventude, e pelo corpo adequado aos padrões de beleza vigentes, a fim de se sentir pertencente à uma sociedade etarista onde a beleza é um critério central de validação social (Featherstone; Hepworth, 1991; BRUNELLI *et al.*, 2023).

Skopinski *et. al* (2014) investigaram a relação entre imagem pessoal e qualidade de vida em adultos, onde se identificou uma associação inversa significativa nos domínios físicos, psicológicos e ambientais, ou seja, quanto maior a insatisfação com a imagem, pior é a qualidade de vida percebida, onde foi também confirmado e bem estabelecido a ocorrência de sintomas depressivos neste casos. Os autores acrescentam que, em pessoas academicamente mais instruídas, a associação ocorre de forma inversa, isto é, quanto maior o nível escolar, melhor se pode compreender as mudanças corporais, ambientais e emocionais pelas quais passam e mais facilmente buscarão estratégias para reduzir a ansiedade e investir em seu autocuidado, atenuando essas mudanças. Neste cenário, este estudo aponta que um dos fatores para lidar melhor com a ansiedade e baixa autoestima decorrente do envelhecimento é o conhecimento sobre este processo e sobre as alternativas de resolver ou atenuar estes problemas (Skopinski *et. al* (2014).

O conjunto de fatores e influências, do ponto de vista biológico e social acima apresentados podem ter por consequência diferentes impactos na vida de um sujeito, em diferentes faixas etárias. Cada vez mais cedo, crianças são apresentadas a padrões de beleza irreais, que distorcem a percepção de si e sua autoestima. Esta exposição constante e exacerbada, além de afetar a autoestima e

autoimagem, com as repercussões comportamentais e psíquicas associadas, podem desencadear transtornos mentais somáticos ou não, vistos precocemente, ainda na primeira infância, tais como transtornos alimentares e de autoimagem.

Em um estudo, Gonçalves, *et al.* (2013) observaram que transtornos alimentares mostraram-se comuns na infância e na adolescência e percorrem a fase adulta, como bulimia e anorexia, associados à mídia, ambientes sociais e familiares. Esses transtornos se relacionam com a distorção da autoimagem e a busca pelo corpo perfeito.

Transtorno de sintomas somáticos e sua relação com a autoestima

As visões acerca da saúde, da doença e da natureza das enfermidades foram moldadas por uma perspectiva dualista defendida por Hipócrates (460 a.C.), que trata mente e corpo como entidades separadas, e, mais tarde por uma perspectiva monista defendida por Galeno (129-199), que reconhece a unidade e interdependência entre ambos. Na perspectiva da relação indivisível entre corpo e psiquismo, os quadros de somatização ocupam lugar especial, pois ilustram como se dá essa interação pela via da somatização (Cruz, 2011)

A literatura descreve a somatização como uma reação comum às respostas à dor psicológica experimentada pelo ser humano. Isso ocorre porque o estado de saúde do corpo pode ter um impacto significativo sobre o psiquismo, potencialmente desencadeando reações fisiológicas em várias áreas dos processos mentais (Cunha *et. al.*, 2020). Para Sousa (2023), calar as emoções faz com que o psiquismo se expresse, em muitos casos, por meio de descargas no corpo, o que pode gerar muito sofrimento tanto físico quanto psicológico. Nesse sentido, o aparecimento de certos sintomas psicossomáticos pode ser entendido como uma medida defensiva adotada por pacientes que vivenciaram falhas em seu desenvolvimento. Esses sintomas funcionam como uma maneira de lidar com a angústia, ajudando-os a manter um mínimo de equilíbrio em sua organização emocional (Lanfranchi, 2022).

Ao longo do tempo o termo usado para se referir a este fenômeno se modificou, na atualidade a nomenclatura usada no DSM 5 TR (2022) é Transtorno de sintomas somáticos, condição na qual uma pessoa apresenta sintomas físicos significativos que causam sofrimento e problemas no dia a dia. Se refere à manifestação de sintomas físicos que são de origem psicológica.

Os sintomas apresentados pela pessoa que possui este quadro podem ser específicos, como dor localizada, ou mais vagos, como fadiga. Muitas vezes, representam sensações ou desconfortos corporais comuns, que geralmente não indicam uma doença grave. Frequentemente essas pessoas percebem seus sintomas corporais como excessivamente ameaçadores, prejudiciais ou problemáticos, muitas vezes temendo o pior sobre sua saúde, mesmo quando há evidências que indicam o contrário. Em casos mais graves, essas preocupações com a saúde podem se tornar uma parte central da vida do indivíduo, definindo sua identidade e influenciando suas relações interpessoais, de acordo com o DSM 5 TR (2022). As manifestações somáticas, portanto, podem ser vistas como formas de expressar sofrimento pessoal, influenciadas pelo contexto cultural e social do indivíduo. Entretanto, o mesmo manual reconhece que os transtornos de sintomas somáticos também podem coexistir com doenças médicas diagnosticadas

Skopinski *et. al* (2014) retrata o transtorno de sintomas somáticos pode ser subdiagnosticado em adultos mais velhos, pois alguns sintomas físicos, como dor e fadiga, são frequentemente vistos como parte natural do envelhecimento, e a preocupação com a saúde é considerada mais aceitável nessa faixa etária, que tende a lidar com mais problemas de saúde e tomar mais medicamentos do que pessoas mais jovens. Além disso, é comum que adultos mais velhos com múltiplos sintomas somáticos também apresentem transtorno depressivo. Mulheres, em particular, tendem a relatar mais sintomas somáticos persistentes associados a fatores sociais, corporais e cognitivos que incluem a sensibilidade à dor e sensações corporais atribuídos de sintomas como a baixa auto estima reconhecendo como um fenômeno normal ou estresse psicológico, “esgotamento” e sensação de peso.

Por tratar-se de um quadro cuja base é psicológica, a autoestima ganha protagonismo, considerando o impacto que esta tem na saúde mental e qualidade de vida, como foi abordado anteriormente. A exposição à padrões estéticos de beleza rígidos e a necessidade de pertencimento podem impactar fortemente a percepção do eu e do sentido de amor e valor próprio, levando a sentimentos de inferioridade e inadequação resultante da intensa comparação imposta por padrões de beleza inalcançáveis (Costa Junior, 2018).

O sentimento de baixa autoestima tem sido associado a uma variedade de sintomas psicossomáticos em mulheres adultas, demonstrando que a percepção negativa de si mesma e a falta de autoconfiança podem desencadear respostas fisiológicas adversas,

como aumento da pressão arterial, comprometimento do sistema imunológico, depressão e distúrbios gastrointestinais (Costa Junior, 2018).

O sintoma na perspectiva psicanalítica

Etimologicamente, a palavra ‘sintoma’ deriva do grego, significando “o que se mantém junto”. Produzir sintomas é produzir sinais. Os sintomas têm uma razão, representam algo. A origem do termo destaca sua função de indicar o que está ocorrendo, ou seja, um fenômeno percebido e relatado pelo indivíduo como uma sensação de desprazer (Martins, 2010). “O sintoma é um substituto do conflito inconsciente subjacente” (Martins, 2010). Para a Psicanálise, trata-se, acima de tudo, da realização de um desejo sexual de forma mais aceitável, embora não traga a satisfação, apenas sofrimento (Maia; Medeiros; Fontes, 2012).

Para Mijola (2013) “o sintoma é uma formação de compromisso, por meio da qual o desejo abre um caminho para sua satisfação, mesmo que apenas de modo parcial”. Para a psicanálise “o sintoma é a expressão de que ainda estamos vivos, potencialmente desejando, ainda que estrebuchando para a morte ou a castração” (Martins, 2010).

O sintoma desempenha um papel crucial ao indicar que o sofrimento presente não pode ser ignorado. Nem sempre é possível compreender plenamente a principal causa que está atuando na sua constituição (Martins, 2010). Pode-se dizer que os sintomas se constituem visando evitar a ansiedade, ou seja, para evitar uma situação de perigo assinalada por ela, removendo do ego uma situação de perigo.

O sintoma é uma formação do inconsciente, com uma estrutura de linguagem onde ocorre uma substituição ou metáfora, passível de deslocamento e modificação, e que clama por tradução. O que sai do corpo em forma de demanda de trabalho psíquico, retorna ao corpo como uma espantosa satisfação que causa estranheza aos menos avisados em virtude do sofrimento que a acompanha (Martins, 2010).

Para Freud (1926/1986) “um sintoma realmente denota a presença de algum processo patológico”. Desse modo, o sintoma expressa representações que não podem ser conscientes devido à angústia que produziram. A angústia como experiência, especialmente quando envolve sensações corporais de dor ou outras formas de desprazer, pode ser considerada um sintoma. As emoções e as doenças podem representar uma

linguagem simbólica. No entanto, diferentemente da fala, essa linguagem não é assumida deliberadamente pelo sujeito (Madeira, 2019).

Desse modo, a atuação em forma de somatização ilustra o funcionamento de uma mente onde predominam certas características. As fantasias, os sonhos, as palavras ocupam o lugar e tomam a função de ação, de acordo com Green (1988). Assim sendo, no sintoma, o que se mantém junto são os indicadores e seu sentido, constituindo-se como uma proto-linguagem. Os sintomas somáticos invariavelmente envolvem o colapso da capacidade de simbolização do indivíduo e, portanto, da capacidade de elaborar mentalmente o impacto das situações de estresse.

O sintoma e o transtorno somático são a expressão final da incapacidade do aparelho psíquico de lidar com determinados conteúdos conflitivos (Martins, 2010). Quando a angústia, a aflição, a fúria não reconhecidas, o terror ou a excitação incomum são somatizados, em vez de serem reconhecidos e processados mentalmente, o indivíduo submerge numa forma primitiva de pensamento, na qual os significantes são pré-verbais. As somatizações poderiam ser conceituadas como formas de funcionamento pré-verbal ou proto-simbólico e, portanto, constituindo uma proto-linguagem.

Quando a angústia, a aflição, a fúria não reconhecidas, o terror ou a excitação incomum são somatizados, em vez de serem reconhecidos e processados mentalmente, o indivíduo submerge numa forma primitiva de pensamento, na qual os significantes são pré-verbais. As somatizações poderiam ser conceituadas com forma de funcionamento pré verbal ou pronto-simbólico e, portanto, constituindo uma pronto-linguagem (McDougall, 1994, p.168).

Quando uma pessoa é incapaz de verbalizar seu sofrimento, em decorrência desse comprometimento em sua capacidade de simbolização, o corpo se transforma na via de expressão da dor psíquica em busca da sobrevivência, mesmo que seja às custas do sacrifício e do adoecimento das funções fisiológicas (Steinwurz, 2017). O sintoma, aquilo que o indivíduo vivencia em sua própria carne, embora esteja fora do alcance de sua consciência e de seu discurso, ainda assim representa uma expressão do sujeito (Madeira, 2019).

Hutz & Zanon (2011) sugerem que uma autoestima elevada surge da aceitação dentro do campo social e do reconhecimento positivo de

peças consideradas significativas para o indivíduo, como pais, professores e companheiros. No caso de pessoas idosas, mesmo tendo experimentado a aceitação social e terem sido valorizados ao longo de sua vida, sobretudo em uma sociedade capitalista, na qual o novo é sempre melhor, se verá diante de uma condição biológica, psicológica e laboral que não é bem aceita por muitas culturas, uma vez que são pessoas que não contribuem da mesma maneira com o meio social, podendo ser, descartados ou percebidos como fora de moda (Schneider; Irigaray, 2008).

A obra de Martins (2010) retrata o sintoma como sinais que demandam interpretação, revelando experiências e emoções que precisam ser articuladas. A ideia de que a cura pela fala pode restaurar o significado perdido é central na obra, indicando que a linguagem não só expressa, mas também transforma a experiência do sofrimento

O autor enfatiza a importância dos sintomas simbólicos em relação às dinâmicas inconscientes, refletindo a essência da psicanálise que busca não apenas a resolução de sintomas, mas também a compreensão das motivações e significados subjacentes a eles. Além disso, a manifestação do sintoma é muitas vezes o ponto de partida para a busca de ajuda, sendo crucial distinguir entre o sintoma em si e a causa subjacente que demanda tratamento.

Em relação ao padrão corporal socialmente estabelecido, a imposição da sociedade faz com que os indivíduos busquem adequar-se, trazendo a impressão de que o corpo entra e sai da moda, e visto como uma tendência ditada a cada estação. Esse padrão estético considerado ideal associa, historicamente, mulher e beleza. Essa busca é um fenômeno social associado à imitação prestigiosa, que visa a regulação social por meio do estabelecimento de comportamentos e estética compartilhados, sobretudo por mulheres.

Conclusão

O presente estudo sobre a relação entre sintomas psicossomáticos e autoestima em mulheres trouxe à tona questões relevantes para a compreensão das interfaces entre saúde mental e física, particularmente no contexto de pressões socioculturais que influenciam a percepção do belo e a experiência feminina de autopercepção na contemporaneidade. Por meio desta pesquisa, evidenciou-se que a autoestima desempenha um papel central na saúde das mulheres, atuando como fator de predição para o surgimento de sinais e sintomas de manifestações psicossomáticas,

que podem ser entendidas como expressões de um sofrimento pessoal ancorado em influências do contexto cultural e social. Foi possível constatar uma relação significativa entre baixos níveis de autoestima e a maior prevalência de sintomas psicossomáticos, como já descrito na literatura científica: a percepção de si mesma como positiva ou negativa afeta diretamente a capacidade do corpo de responder aos desafios emocionais e ao estresse, sendo a psicossomatização uma das formas pelas quais o sofrimento psicológico se expressa fisicamente.

No contexto de mulheres adultas, o estudo demonstrou que a formação da autoestima está associada a diversos aspectos socioculturais, como padrões de beleza, expectativas sociais e papéis de gênero. Ao longo do desenvolvimento individual, esses múltiplos fatores são internalizados e podem contribuir para uma autoimagem negativa, associada à desvalorização pessoal como consequência direta da comparação com padrões vigentes. Essa internalização pode, além disso, gerar uma vulnerabilidade emocional que se reflete em manifestações físicas. Nesse sentido, as mulheres adultas encontram-se rodeadas por fatores internos e externos que se inter-relacionam, afetando a percepção de valor próprio e favorecendo a manifestação de sintomas psicossomáticos, tais como dores físicas, distúrbios gastrointestinais, fadiga e outros desconfortos físicos.

Os achados desta pesquisa reforçam a necessidade de uma abordagem integrada e multidisciplinar na atenção à saúde da mulher, considerando aspectos tanto físicos quanto psicológicos. Assim, o investimento em práticas clínicas voltadas para o fortalecimento da autoestima e o autoconhecimento pode se mostrar eficaz na prevenção e tratamento de sintomas psicossomáticos decorrentes de alterações na autoestima feminina. Nesse âmbito, estratégias de intervenção, como a psicoterapia focada no autoconhecimento e a promoção do empoderamento feminino, demonstram-se ferramentas promissoras no auxílio à construção de uma autoestima resiliente às pressões de beleza do mercado estético e da mídia, além de servirem como fator protetor ao longo do processo de envelhecimento.

Referências:

ALMEIDA, A. M. V.. **Psicossomática e Fibromialgia: Relação Corpo-Mente Revisitada Neuroticismo, Alexitimia, Vinculação e Somatização em pessoas com Fibromialgia**. 2020. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra, Portugal. pdf.

ALMEIDA, D. F.; GOMES, M. S. Transtornos alimentares e imagem corporal: A influência da mídia e da cultura. *Revista de Estudos da Mídia*, v. 22, n. 3, p. 200-210, 2022. Disponível em: <https://www.revistamidia.org.br/transtornos-imagem-corpo/>. Acesso em: 18 nov. 2024

Dessa forma, a relação entre autoestima e sintomas psicossomáticos em mulheres adultas revela-se uma área de estudos complexa e de suma importância, com implicações práticas para a psicologia da saúde, a psicoterapia e a medicina psicossomática. Ainda há, contudo, a necessidade de mais estudos que incluam mulheres de diferentes contextos culturais e étnicos, além de diversas faixas etárias, a fim de investigar essa relação de forma mais aprofundada. Recomenda-se que esses estudos levem em consideração variáveis mediadoras, como suporte social, resiliência, identidade de gênero e contexto socioeconômico. Com isso, seria possível desenvolver e delimitar essa relação de modo mais eficaz, além de estabelecer um panorama mais amplo para estratégias de intervenção direcionadas ao fortalecimento da autoestima da mulher e à prevenção de manifestações psicossomáticas.

Em suma, a pesquisa destacou que a autoestima não é apenas uma dimensão individual de autorreconhecimento, mas um construto com implicações diretas para a saúde física e psicológica das mulheres. Compreender e valorizar essa relação é fundamental para a construção de um modelo de cuidado integral e humanizado à saúde, no qual o bem-estar feminino seja abordado em todas as suas dimensões, promovendo saúde mental e física de forma harmoniosa e integrada, além de contribuir para a qualidade de vida

Agradecimentos:

Ao arquiteto do Universo, pelo dom da vida;

Aos amigos de Curso, pela amizade;

Aos familiares, pelo apoio;

Aos Mestres do Curso, pelos ensinamentos valiosos;

A minha orientadora, Profa Mestra Lênia, por tamanho esmero na condução deste trabalho.

ALMEIDA, F. M.; TAVARES, S. C. A estética e a saúde mental: O impacto da busca pelo corpo perfeito. **Revista Brasileira de Saúde Mental**, v. 31, p. 11-20, 2023. Disponível em: <https://www.saudemental.org.br/corpo-perfeito/>. Acesso em: 28 nov. 2024.

ALVES, L. S.; Pereira, J. M. O impacto dos padrões estéticos na construção da identidade e imagem corporal. **Revista Brasileira de Estética e Imagem**, v. 23, p. 45-52, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/0105-0657/202323020>.

ANJOS, Dos L. A.; Ferreira, Z. A. B. Saúde Estética: Impactos Emocionais causados pelo padrão de beleza imposto pela sociedade. *ID on line*. **Revista de Psicologia**, v. 15, n. 55, p. 595-604, 2021. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3093/4812>. Acesso em: 24 nov. 2024

APRILE, M. R. Autoestima, conceitos correlatos e avaliação. **Revista Equilíbrio Corporal e Saúde**, v. 5, n. 1, p. 36-48, 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/725867254/AutoEstima>. Acesso em: 01 maio 2024.

AVELAR, C. F. P.; Veiga, R. T.. Como entender a vaidade feminina utilizando a autoestima e a personalidade. **Revista de Administração de Empresas**, v. 53, p. 338-349, 2013. Disponível em: <https://typeset.io/papers/autoestima-conceitos-correlatos-e-avaliacao-54lljcx2mz>. Acesso em: 02 abril 2024.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo**, São Paulo, 2006. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_dezembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf. Acesso em: 02 abril 2024.

BOCCHI, J.; Salinas, P.; Gorayeb, R. Ser mulher dói: relato de um caso clínico de dor crônica vinculada à construção da identidade feminina. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 6, p. 26-35, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/P7XTtWMTTXPCkFW7LPfybPm/>. Acesso em: fev. 2024.

BORGES, N. C. O corpo, a mulher e outros significados. In: **TEMAS DA DIVERSIDADE: EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DE PESQUISA-VOLUME 2**. Editora Científica Digital, 2021. p. 44-59. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.org/articles/201102017.pdf>. Acesso em: 15 outubro 2024.

BRUNELLI, P. B.; et al. Beleza, corpo e poder: a mídia e sua influência na construção de identidade das mulheres pós-modernas. **InterSciencePlace**. Disponível em: <https://www.interscienceplace.org>. Acesso em: 30 nov. 2024.

CAMPOS, G. R.; Faria, H. M. C.; Sartoril, I. D. Cultura da estética: o impacto do Instagram na subjetividade feminina. **Cadernos de Psicologia**, v. 1, n. 2, 2020. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/2495>. Acesso em: 24 nov. 2024

CAMPANICO, M. **Autoestima e satisfação de vida dos utilizadores da rede social Instagram**. Tese de Doutorado. Instituto Piaget, Almada, Portugal. 2022. pdf. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/41524> Acesso em: 01 maio 2024

CARVALHO, I. O.; Fontes, F. C. m.R.; Resgala JR, R. M.. **Dor psicossomática: um grito de socorro**. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/1112>. Acesso em: 01 maio 2024.

CASH, T. F.; Pusey, T. Enhancing Body Images in Middle-Age Women. **Journal of Applied Psychology**, v. 70, n. 3, p. 15-20, 1985.

CASTRO, V. F.; Zimmermann, S. P. A percepção da imagem corporal e suas implicações psicológicas. **Revista Brasileira de Psicologia Experimental**, v. 24, p. 102-115, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5935/1678-888X.201924051>.

CERQUETANI, S. **Doenças psicossomáticas**. Disponível em: <https://nav.dasa.com.br/blog/doencas-psicossomaticas>. Acesso em: abril 2024.

CRUZ, M. Z.; Júnior, A. P. Corpo, mente e emoções: referenciais teóricos da psicossomática. **Revista Simbiologias**, v. 4, n. 6, 2011. Disponível em: <https://www.ibb.unesp.br/Home/ensino/departamentos/educacao/corpo-mente-e-emocoes.pdf>. Acesso em: 01 maio 2024.

COSTA, L. M. A relação entre a insatisfação com o corpo e os transtornos alimentares em mulheres adultas. **Revista Brasileira de Psicologia Clínica**, v. 45, p. 23-31, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-5913.2020.45.01.02>.

COSTA, J. F. N. **Percepções dos usuários de uma UBS acerca da relação entre atividade física e saúde e da importância do trabalho do PEF nas UBS**. 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/37353>. Acesso em: 30 nov. 2024.

CUNHA, E. C. M.; Fonseca, B. R. A influência dos estados emocionais no desencadeamento de doenças psicossomáticas. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 11, p. e91791110663-e91791110663, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/Bianca/Downloads/10663-Article-144314-1-10-20201207.pdf>. Acesso em: fev. 2024.

DEL PRIORI, M. **Corpo a corpo com a mulher: Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. 2. ed. São Paulo: SENAC, 2022.

DINIZ, C.F. Conceito de meta-análise. **Revisão sistemática**. Disponível em: https://editora.uemg.br/images/livros-pdf/catalogo-2020/Introducao_a_revisao/2020_revisao_sistematica_cap1.pdf. Acesso em: abr. 2024.

DURIDAN, A.; Dos Santos, D. F.; Gatti, A. L. Autoestima e cuidados pessoais em mulheres de 60 a 75 anos. **Aletheia**, v. 43, p. 174-187, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942014000100013. Acesso em: 01 maio 2024.

DUTRA, A. R.; Gonçalves, A. S. R.; Da Cunha, J. R. F. Revisão integrativa de estudos no âmbito da psicologia sobre as representações sociais da imagem corporal: o que dizem as produções acadêmicas. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 5, p. e50710515139-e50710515139, 2021.

ECO, U. **História da Beleza**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

FARIAS, M. L.; Ribeiro, A. P. A influência das representações sociais sobre a imagem corporal. **Revista Brasileira de Psicologia Social**, v. 33, p. 14-22, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psicosoc/a/Z2FnwF7r5d8K36JMz7W6Vzq/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

FEATHERSTONE, M.; Hepworth, M. Aging and the body: A review. **Social Science & Medicine**, v. 32, n. 8, p. 140-147, 1991.

FIGUEIRA, O. et al. Autoestima e estética na percepção de pessoas idosas de Centros de Referência de Assistência Social. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 27, p. e230193, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-22562024027.230193.pt>. Acesso em: 30 nov. 2024.

FILGUEIRAS, N. L. **O crescimento e valorização do mercado da estética no Brasil**. *Repositório de Trabalhos de Conclusão de Curso e Monografias*, 2019. Disponível em: <https://www.pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/repositorioctcc/article/view/1009>. Acesso em: 25 nov. 2024.

FONSECA, A. P.; Lima, J. F. A construção da identidade corporal no ambiente escolar. **Revista Brasileira de Psicologia da Educação**, v. 19, p. 88-99, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5935/1678-5552.202219061>.

FREITAS, C.M.S.M. de et al. O padrão de beleza corporal sobre o corpo feminino mediante ao IMC. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/rMpVx4jWKSSJmm9zsGT6fjh/>. Acesso em: out. 2024.

GALDI, M. B.; Campos, É. B. V. Modelos teóricos em psicossomática psicanalítica: uma revisão. **Trends in Psychology**, v. 25, n. 1, p. 29-40, 2017.

GARCIA, A. L.; Sousa, R. M. O papel da percepção da imagem corporal no desenvolvimento psicológico na infância. **Revista Brasileira de Psicologia Infantil**, v. 27, p. 120-130, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpi/a/FG7r9Zrf9FkvDtbFpD6bT/>. Acesso em: 19 nov. 2024.

GOLDENBERG, M. Gênero, "o corpo" e "imitação prestigiosa" na cultura brasileira. **Saúde e Sociedade**, v. 20, n. 3, p. 543-553, 2014. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/sausoc/a/BrVktfgNphNsL8JQYnTxrGP/#:~:text=Como%20afirmou%20Marcel%20Mauss%20\(1974,tamb%C3%A9m%20se%20refere%20ao%20corpo](https://www.scielo.br/j/sausoc/a/BrVktfgNphNsL8JQYnTxrGP/#:~:text=Como%20afirmou%20Marcel%20Mauss%20(1974,tamb%C3%A9m%20se%20refere%20ao%20corpo). Acesso em: abril 2024.

GOLDENBERG, M. "Gênero e corpo na cultura brasileira." **Psicologia clínica**, v. 17, p. 65-80, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/pmBWb93wL9phMvdXSKgHf5q>. Acesso em: 25 nov. 2024.

GOMES, A. R.; Rodrigues, F. A. O corpo e o consumo de redes sociais: Reflexões sobre a construção da imagem corporal. **Revista de Estudos Sociais e Cultura**, v. 11, n. 2, p. 76-90, 2022. Disponível em: <https://www.revistacultura.org.br/corpo-redes-sociais/>. Acesso em: 27 nov. 2024.

GOMES, L. **Conceito de Autoimagem**. São Paulo: Editora Conceitos, 2022. Disponível em: <https://conceitos.com/autoimagem/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

GONÇALVES, J. A.; Moreira, E. A. M.; Trindade, E. B. S.; Fiates, G. M. Transtornos alimentares na infância e na adolescência. **Ver. Paul Pediatr.**, v. 31, n. 1, p. 1-10, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-05822013000100016>.

GUAGNELI, J. B.; Da Silva Calderaro, Thayná. **Psicanálise e o feminismo de Beauvoir**: O indizível d'a mulher. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/35395>. Acesso em: fev. 2024.

GRENN, R. The tribe called wannabee: Playing Indian in America and Europe. **Folklore**, v. 99, n. 1, p. 30-55, 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0015587X.1988.9716423>. Acesso em: 30 nov. 2024.

HUTZ, C. S.; Zanon, C. Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg: Revision of the adaptation, validation, and normatization of the Rosenberg self-esteem scale. **Avaliação Psicológica**, v. 10, n. 1, p. 41-49, 2011.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População residente no Brasil segundo sexo e grupos de idade, em 2010 e 2022**. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 24 out. 2024.

ISAPS - Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética. **Global Survey 2021**. Disponível em: <https://www.isaps.org/media/hdmi0del/2021-global-survey-press-release-portuguese-latam.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

JODELET, D. Os processos psicossociais da exclusão. In: MENDES, A. M. (org.). **Exclusão social e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p. 221-240.

LACAN, J.(1972 - 1973).**O seminário**. Livro 20: Mais,ainda. Jorge Zahar Editor

LANFRANCHI, A. C.; Bocchi, J. C. A somatização em McDougall: desafetação e sexualidades adictivas. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 5, p. 36810-36821, 2022.

LEE, Y.-L.; Liu, H.-L.; Wang, S.-R. Body image, self-esteem, and depression among young adults with obesity. **Body Image**, v. 10, n. 3, p. 1-9, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2023.02.001>.

LIMA, A. C. O impacto das intervenções estéticas na percepção da imagem corporal e autoestima. **Revista Brasileira de Psicologia e Saúde**, v. 30, p. 110-120, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5935/1678-2056.202130019>.

MADEIRA, M. O. M. et al. **Reflexões psicanalíticas sobre o fenômeno Psicossomático**. 2019. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/14582>. Acesso em: 04 nov. 2024.

MAIA, A. B.; Medeiros, C. P.; Fontes, F. O conceito de sintoma na psicanálise: uma introdução. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 44–61, 2012. DOI: 10.11606/issn.1981-1624.v17i1p44-61. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/46133>. Acesso em: 25 nov. 2024.

MCDougall, J. Corpo e linguagem: da linguagem do soma às palavras da mente. **RBP - Revista Brasileira de Psicanálise**, v. XXVIII, n. 1, p. 75-98, 1994.

MARTINS, F. **Ensaio acerca dos sintomas simbólicos: da cabrita desvairada ao senhor do mundo, e um pouco de todos nós**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

MARTINS, R. S. G.; Ferreira, Z. A. B. A importância dos procedimentos estéticos na autoestima da mulher. *ID on line*. **Revista de Psicologia**, v. 14, n. 53, p. 442-453, 2020. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2807>. Acesso em: 22 nov. 2024.

MARTINS, R. C.; Veiga, C. L. Mídia e imagem corporal: O impacto da globalização no corpo feminino. **Revista Brasileira de Comunicação e Cultura**, v. 22, p. 150-160, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/2357-0000/20212208>.

MAUSS, M. **As técnicas do corpo**. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1307>. Acesso em: 30 nov. 2024.

MELLO, M. C. F. et al. A construção do corpo e suas implicações psicossociais nas mulheres. **Estudos de Psicologia**, v. 32, n. 2, p. 213-229, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-5160.201932214>.

MELO, L. et al. **Padrões de beleza imposto às mulheres**. Disponível em: http://www.fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/KpDnYgJm2BARYNc_2020-7-23-20-34-39.pdf. Acesso em: out. 2024.

MENNELL, S. (1990). **A sociedade e o corpo: O papel social do corpo na vida cotidiana**. São Paulo: Editora Cultrix.

MONTEIRO, Suze M. F.; Guimarães, C. A. G. Abordagem clínica perante desequilíbrio da autoestima. **Perspectivas em Psicologia**, Uberlândia, v. 23, n. 2, p. 160-178, 2019. PDF.

MOREIRA, M. D. A construção da imagem corporal nas redes sociais: padrões de beleza e discursos de influenciadores digitais. **Percursos Linguísticos**, v. 10, n. 25, p. 144-162, 2020.

MORO, M. L. et al. Corpo e identidade: Um estudo sobre a relação entre a autoestima e a construção da imagem corporal. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 2, p. 53-64, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psicologia/a/JTQFz7HXZP5yLb6mN7YZ6xx/>. Acesso em: 30 nov. 2024.

MOSQUERA, J. J. M.; Stobaus, C. D. Auto-imagem, auto-estima e auto-realização: qualidade de vida na universidade. **Psicologia, saúde e doenças**, v. 7, n. 1, p. 83-88, 2006. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnibpcjpcglclefindmkaj/https://www.redalyc.org/pdf/362/36270106.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2024.

MOURA, L. L.; Souza, F. L.; Barbosa, A. M. A influência do transtorno alimentar na autoimagem de mulheres. **Revista Brasileira de Nutrição Clínica**, v. 34, p. 29-35, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5935/1678-6751.201900007>.

NOGUEIRA, J. A.; Pereira, A. T.; Marques, L. L. Análise das variáveis relacionadas à percepção de imagem corporal em adolescentes. **Revista Brasileira de Psicologia**, v. 49, p. 202-212, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psicologia/a/NzG3FGj4yCBPp5gFHZGbWmn/?lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2024.

OCANA-FERNANDEZ, Y.; Fuster-Guillén, D. A revisão bibliográfica como metodologia de pesquisa. **Revista Tempos E Espaços Em Educação**, v. 14, n. 33, 2021. e15614. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v14i33.15614>. Acesso em: 20 out. 2024.

OLIVEN, R. G.; Faria, L. S. P.; Damo, A. S. **Da arte de imitar**. *Horizontes Antropológicos*. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/j9mF7rFTynbFpJkwGrTcZWN/?lang=pt>. Acesso em: jun. 2024.

OLIVEIRA, L. L.; Hutz, C. S. Transtornos alimentares: o papel dos aspectos culturais no mundo contemporâneo. **Psicologia em estudo**, v. 15, p. 575-582, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/MGVrVGGrn8VPDYyCqdmNLj/?lang=pt>. Acesso em: 30 nov. 2024.

OLIVEIRA, M. R. de; Machado, J. S. A. O insustentável peso da autoimagem: (re)apresentações na sociedade do espetáculo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 2663-2672, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2021.v26n7/2663-2672/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

OLIVEIRA, M. P. A.; Martins, D. L. O impacto das redes sociais no corpo feminino: A busca pela perfeição. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 35, p. 1-13, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-865X1201-0203>.

OUZA, G.; Freitas, T. G.; Biagi, C. R. A relação das mídias sociais na construção da autoimagem na contemporaneidade. **AKRÓPOLIS - Revista de Ciências Humanas da UNIPAR**, [S. l.], v. 25, n. 2, 2018. DOI: 10.25110/akropolis.v25i2.6426. Disponível em: <https://unipar.openjournalsolutions.com.br/index.php/akropolis/article/view/6426>. Acesso em: 25 nov. 2024.

PAPALIA, D. E.; Olds, S. W.; Feldman, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/51009031/Desenvolvimento_Humano_8a_Edi%C3%A7%C3%A3o_Diane_Papalia_e_Ruth_Feldman. Acesso em: 01 maio 2024.

PEREIRA, G. M.; Zuniga, F. P. A influência das redes sociais no conceito de corpo perfeito na sociedade contemporânea. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 38, p. 122-134, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/2317-7224/202338060>.

PESSOA, S. M.; Almeida, R. M. A relação entre autoestima e transtornos alimentares: Uma revisão de literatura. **Psicologia em Estudo**, v. 27, p. 45-56, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-0864/202027037>.

PIMENTA, A. A.; Souza, J. D. T. A influência da mídia na formação da imagem corporal feminina. **Revista Brasileira de Comunicação**, v. 26, n. 1, p. 40-58, 2022. Disponível em: <https://www.revistacomunicacao.com.br/pesquisa/midia-corpo/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

PIMENTA, T. M.; Souza, L. M. A insatisfação com a imagem corporal e suas implicações emocionais na adolescência. **Revista Brasileira de Psicologia e Adolescência**, v. 39, p. 89-98, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpa/a/5FDw3yM5nQZK0Tpf/>. Acesso em: 17 nov. 2024.

PINHEIRO, M. L.; Pinto, E. A.; Gomes, A. V. O corpo e a dor psicossomática: contribuições para a prática terapêutica. **Revista Brasileira de Terapias Psicológicas**, v. 17, p. 201-210, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-2089/201817007>.

PRUDENCIO, N. E. Empoderamento e biopolítica nos feminismos midiáticos de Mulher-Maravilha e Capitã Marvel. **TROPOS: Comunicação, Sociedade e Cultura**, v. 9, n. 2, 2020. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=gill%2C+2007+Cultura+da+m%C3%ADdia+p%C3%B3s-feminista

PUPPER, K. R. L. **As influências nos padrões de beleza feminina através da história: revisão narrativa da literatura**. 2022. PDF.

REINERT, A. P. R. Pires et al. **Transtornos somatoformes (manifestações histéricas) em mulheres atendidas em hospital psiquiátrico de São Luís, Maranhão**. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472016000200012. Acesso em: jun. 2024.

RIBEIRO, A. P. G.; Gomes, M. A. A.; Leão, J. P. D. Estudo sobre a importância da autoestima na adolescência. **Revista Brasileira de Psicologia Aplicada**, v. 28, n. 4, p. 41-50, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpa/a/RXrZTJJ6fD5L7PMFjQSjTLF/>. Acesso em: 14 out. 2024.

ROMANO, A.; Negreiros, J.; Martins, T. Contributos para a validação da escala de auto-estima de Rosenberg numa amostra de adolescentes da região interior norte do país. **Psicologia, saúde &**

doenças, v. 8, n. 1, p. 109-116, 2007. Disponível em: https://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862007000100008. Acesso em: 02 abr. 2014.

ROOME, M. E. Integrative literature reviews for the development of concepts. In: RODGERS, B. L.; CASTRO, A. A. **Revisão sistemática e meta-análise**. 2006. Disponível em: <www.metodologia.org/meta1.PDF>. Acesso em: fev. 2024.

ROSA, M. C. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Editora Contexto, 2024. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=VPDxEAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=Rosa,+2024&ots=dD7rK7IMSf&sig=dJZBuWqeUNsCsqVJWtIg6TOfaoY&redir_esc=y#v=onepage&q=Rosa%2C%202024&f=false. Acesso em: 30 nov. 2024.

SANTOS, Dos T. C. A.; Rodrigues, K. L. A. Impactos das redes sociais em relação à autoestima e autoimagem. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 3, p. 851-862, 2023. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/8724>. Acesso em: 01 maio 2024.

SANTOS, G. R. et al. Impacto da mamoplastia estética na autoestima de mulheres de uma capital nordestina. **Revista Brasileira de Cirurgia Plástica**, v. 34, n. 01, p. 58-64, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/2177-1235.2019RBCP0009>. Acesso em: 30 nov. 2024.

SANTOS, T. A.; Ferraz, R. A. A autoestima e a construção da imagem corporal em mulheres obesas. **Revista Brasileira de Nutrição Humana**, v. 35, p. 211-220, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbnh/a/KHhzSxXyFtkHbD9t5sw5z5w/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

SANTOS, T. C. A.; Rodrigues, K. L. A. Impactos das redes sociais em relação à autoestima e autoimagem. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 851–862, 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i3.8724. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/8724>. Acesso em: 29 maio 2024.

SCHENEIDER, R. H.; Irigaray, T. Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 25, p. 585-593, 2008.

SOUZA, De G.; De Freitas, T. G.; Biagi, C. R. A relação das mídias sociais na construção da autoimagem na contemporaneidade. **Akrópolis-Revista de Ciências Humanas da UNIPAR**, v. 25, n. 2, 2017. Disponível em: <https://unipar.openjournalsolutions.com.br/index.php/akropolis/article/view/6426/3685>. Acesso em: 30 nov. 2024.

SILVA, A. M. R. A percepção de imagem corporal e sua relação com a autoestima. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 26, n. 1, p. 63-72, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5935/1678-0803.20221329>.

SILVA, M. D. P.. **Adolescentes em medidas sócio-educativas: saúde mental, autoestima, suporte social e estilos parentais**. 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/3061>. Acesso em: 30 nov. 2024.

SILVA, R. O.; Sousa, M. A. A relação entre a autoestima e os transtornos alimentares: Reflexões e desafios. **Revista Brasileira de Psicologia e Nutrição**, v. 27, p. 67-75, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/2349-3187.202127052>.

SILVEIRA, C. et al. Qualidade de vida, autoestima e autoimagem dos dependentes químicos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, p. 2001-2006, 2013. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnibpcjpcglclefindmkaj/https://www.scielo.org/pdf/csc/2013.v18n7/2001-2006/pt>. Acesso em: 30 nov. 2024.

SKOPINSKI, F. et al. **Mulheres pós-menopáusicas: o papel da estética na imagem corporal, humor e qualidade de vida**. 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/pajar/article/view/20247/13186>. Acesso em: fev. 2024.

SOUSA, S. R. et al. A influência da cirurgia estética na autoestima e saúde mental. **Revista Brasileira de Psicologia e Saúde Mental**, v. 14, n. 3, p. 116-130, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-1169/2023.03.048>.

SOUZA, J. C.; Lopes, L. H. BDe Souza, V. C. R. P. A dimensão do belo no tempo. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 10, n. 3, p. 87-94, 2018.

SOUZA, P. E.; Medeiros, A. G. A influência das redes sociais na distorção da imagem corporal. **Psicologia e Sociedade**, v. 34, n. 3, p. 185-195, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/psoc/a/Sr9MGjz7f3FQYqF8Q5NQzJ/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

TAVARES, J. C.; Santos, S. A.; Andrade, M. R. A influência da cultura e da mídia na construção da imagem corporal feminina. **Revista de Estudos em Comunicação**, v. 15, p. 78-90, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1109/RECO21.2020.10.045>.

TAVARES, S. C.; Almeida, F. M. A estética e a saúde mental: O impacto da busca pelo corpo perfeito. **Revista Brasileira de Saúde Mental**, v. 31, p. 11-20, 2023. Disponível em: <https://www.saudemental.org.br/corpo-perfeito/>. Acesso em: 28 nov. 2024.

TESSER, A.; Pais, M. S.; Ferraz, J. C. O impacto das redes sociais na autoestima de adolescentes. **Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 22, n. 4, p. 51-60, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/rbpe/a/SLV6Fv5NXf2Xw7jxF9g9swP/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

VEIGA, J. D.; Galdi, P. F. A importância da percepção do corpo para o bem-estar físico e psicológico. **Revista Brasileira de Psicoterapia e Psicanálise**, v. 24, p. 48-60, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/2317-4653/201818021>.

VITORIA, S. T.; Ribeiro, A. P. A influência da cultura na formação da imagem corporal feminina. **Revista Brasileira de Estudos Culturais**, v. 27, p. 88-101, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/rbecu/a/7DJ8gVs2XhHtjF9HLk9rzyR/>. Acesso em: 01 dez. 2024.

WANDERLEY, M. T.; Lima, A. C. O impacto das intervenções estéticas na percepção da imagem corporal e autoestima. **Revista Brasileira de Psicologia e Saúde**, v. 30, p. 110-120, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5935/1678-2056.202130019>.

WEBER, L. N. D. **Relações entre práticas educativas parentais percebidas e a autoestima, sinais de depressão e o uso de substâncias por adolescentes**. 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10662/13332>. Acesso em: 27 nov. 2024

WOLFF, L. A.; Gomes, A. R.; Rodrigues, F. A. O corpo e o consumo de redes sociais: Reflexões sobre a construção da imagem corporal. **Revista de Estudos Sociais e Cultura**, v. 11, n. 2, p. 76-90, 2022. Disponível em: <https://www.revistacultura.org.br/corpo-redes-sociais/>. Acesso em: 27 nov. 2024.

ZAGALO, G. L.; Santos, P. L. O papel da mídia na construção da imagem corporal na adolescência. **Psicologia & Sociedade**, v. 28, n. 1, p. 55-65, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/psoc/a/ZXYjF7wpXby6HSTt2Pmrk9C/?lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2024.

ZIMMERMANN, S. P.; Castro, V. F. A percepção da imagem corporal e suas implicações psicológicas. **Revista Brasileira de Psicologia Experimental**, v. 24, p. 102-115, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5935/1678-888X.201924051>.

ZORRILLA, L. E.; Marques, T. G. A construção da imagem corporal na infância: Uma abordagem psicossocial. **Revista Brasileira de Psicologia Infantil**, v. 19, p. 37-44, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/rbpi/a/TpH2zn9n2F4KtQWdh9Zz4vw/?lang=pt>. Acesso em: 13 nov. 2024.